



RELATO DE EXPERIÊNCIA: CURSO DE EXTENSÃO “PIANO EM GRUPO” – FAIXA ETÁRIA: 19 aos 59 ANOS

Harrison Rodrigues Oreste – Universidade Estadual de Maringá

Alfeu Rodrigues de Araujo Filho – Universidade Estadual de Maringá

ra134674@uem.br

Resumo:

O presente relato de experiência traz a vivência no processo ensino/aprendizado, como monitor, do Curso de Extensão “Piano em Grupo” – Faixa Etária: 19 a 59 anos de idade. Esta ação de extensão ocorreu no “Laboratório de Pianos Digitais”, localizado no Departamento de Música e Artes Cênicas da Universidade Estadual de Maringá, sob a coordenação do Prof. Dr. Alfeu Araujo através do Projeto de Extensão PIN (Piano como INstrumento de INclusão, INformação e INterdisciplinaridade). O planejamento metodológico foi construído por meio de um conjunto de atividades pedagógicas de caráter teórico, teórico-prático e prático, organizado e avaliado de acordo com a avaliação diagnóstica dos participantes, assim como sua resposta semanal. Teve como objetivo oferecer noções introdutórias no campo da alfabetização musical e processos de iniciação da execução instrumental, configurando um profícuo diálogo entre teoria e prática. Por fim, a curricularização da extensão reforça a interação da instituição de ensino com a sociedade por meio da produção e da aplicação do conhecimento em diálogo permanente com o ensino e a pesquisa.

Palavras-chave: Piano em Grupo; Curso de extensão; Experiência; Monitor; Curricularização

1. Introdução

O primeiro autor deste relato é estudante do curso de bacharelado em música na habilitação instrumento/piano da Universidade Estadual de Maringá. Destacamos que, em 2023, ele teve uma experiência enriquecedora ao ministrar aulas de piano em grupo como resposta às ações de extensão e sua curricularização.



O Ensino do Piano em Grupo é uma prática educacional que vem ganhando destaque nos últimos anos em inúmeras universidades brasileiras. Auxilia alunos de canto, regência, composição e instrumentos em uma diversidade de percepções como: afinação, harmonia, criação, entre outras. No Brasil, Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves (1924-2015) foi uma das pioneiras ao introduzir na UFRJ um curso de “Especialização em Ensino de Piano em Grupo”, com duração de dois anos no período de 1979 a 1981.

Dos professores atuantes na educação básica, 83% acreditavam que o domínio do teclado é essencial ao suporte de suas aulas. Além desses, 42% dos condutores de bandas e 76% dos regentes também pensam ser indispensável o domínio do instrumento (BUCHANAN, 1964). A pesquisa mencionada, apesar de realizada nos Estados Unidos da América, demonstra que a habilidade de tocar piano é desejável mesmo por músicos não pianistas (CAMPITELLI; MENDES, 2021, p.6).

As aulas, pelo espírito coletivo e convívio social, oferecem oportunidades valiosas para os alunos compartilharem suas experiências e desafios, ao criar um ambiente de aprendizado motivador e solidário.

2. Metodologia

O desafio inicial foi empolgante em função de trabalhar, em conjunto, com o professor/egresso Yuri Pietro, formado pela Universidade Estadual de Maringá. Juntos, planejamos as aulas após uma avaliação diagnóstica dos participantes, desenvolvendo um conteúdo que incluía desde noções básicas de notação musical até lições para iniciação da leitura musical com peças selecionadas de livros como: "Meu Piano é Divertido"; "Alfred's Basic Piano Adult"; "Mário Mascarenhas"; "Method Piano Adult".

O laboratório de pianos digitais possui dez instrumentos, sendo que o primeiro grande desafio foi em relação à diversidade de alunos com idades entre 19 e 59 anos e com conhecimentos e desconhecimentos heterogêneos. Desta forma, tínhamos alunos que não possuíam vivências anteriores com aulas de música; alguns estavam no segundo curso de extensão “Piano em Grupo”, enquanto outros tinham alguma experiência prévia. Essa heterogeneidade exigiu que nos dividíssemos para garantir



atenção personalizada a cada aluno, adaptando nosso ensino conforme suas necessidades individuais.

Neste contexto, a flexibilidade o olhar cuidadoso do docente são fundamentais, uma vez que um modelo de método correto, além de ser questionável, não levaria em conta a riqueza e o potencial específico de cada aluno.

O método correto para um aluno pode ser bem diferente daquele que traria os melhores resultados para outro aluno. Nestes dias existe muito mais elasticidade dos métodos do que geralmente era aceito no passado, e a grandeza do professor consiste muito largamente em sua habilidade de inventar, adaptar e ajustar seus meios pedagógicos aos requerimentos especiais de seu aluno (SCHARWENKA apud COOKE, 1999, p. 252).

Para responder aos objetivos traçados, concentramos parte do ensino na teoria musical, processo de alfabetização, explorando a leitura de notas nas pautas, claves, figuras rítmicas, fórmulas de compasso e a aplicabilidade, desenvolvendo a percepção musical. Todo este aparato tinha, como principal fundamento, a provocação pela mudança de comportamento, funcionalizando a informação.

[...] uma aprendizagem que é mais que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou nas suas atitudes ou na sua personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente todas as parcelas da sua existência (ROGERS, 1987, p. 258).

3. Resultados e Discussão

Iniciamos esta subseção com o resgate de uma experiência marcante com uma aluna que, inspirada pelo colega, escolheu uma peça desafiadora. Apesar de inicialmente intimidada, superou os obstáculos e alcançou um progresso significativo, ao concretizar o sonho de tocar aquela música. Aliás, Kaplan (1987) enfatiza que não haveria processo de ensino/aprendizagem se não fosse a ferramenta da motivação: motivo que justifica a ação.

Já com outra discente, exploramos a peça “Mini Sonatina nº. 1” da compositora Jane Smisor Bastien (1936-2018). Como a instrumentista já possuía conhecimento prévio do piano, ela aprofundou a sua compreensão da estrutura musical, ao conciliar a técnica pianística e a sensibilidade artística. Cabe ratificar que a aula coletiva exige um



olhar apurado sobre as demandas individuais, exigindo do docente um olhar atento e dinâmico.

Encontra-se aqui o valor da bilateralidade já mencionada, através da mudança de olhar, ao priorizar a percepção individual do aluno através da construção de conhecimento não diretiva onde, na categoria de professor, o diálogo torna-se um contínuo processo de provocações, estimulando a capacidade de achados com real significado para o discente porque dele foi retirado e construído o conteúdo e o conhecimento (ARAUJO FILHO, 2021, p. 21).

Destacamos também o caso de uma aluna que ingressou no curso sem nenhum aprofundamento prévio na área de música. As aulas em grupo permitiram o aprendizado do piano, sonho compartilhado desde a infância. Neste caso, a música se revelou como uma fonte de motivação, ao concretizar desejos e, conseqüentemente, adquirir a autoconfiança. É importante frisar que tudo isto foi possível pela ação coletiva, ao compreender o ensino de piano inclusivo e social.

Entretanto, nem tudo foi perfeito. Houve um momento sensível quanto à pedagogia do ensino instrumental. Ao ilustrar a importância do relaxamento do pulso, o qual permite conforto e qualidade sonora, um desconforto ocorreu em uma aula quando o monitor tocou em seu pescoço sem permissão. Esta situação faz refletir sobre a necessidade de abordagens mais cuidadosas ao lidar com o corpo dos alunos. Face ao exposto, na aula seguinte, o coordenador do projeto PIN esteve presente, para explicar o procedimento e esclarecer o percurso metodológico sem nenhuma subtração para ambas as partes: ministrantes e discentes.

4. Considerações

Ao final do curso, cada aluno teve a oportunidade de apresentar a peça que mais havia treinado e que se sentia confortável em executar. Foi um momento de orgulho e realização para todos, demonstrando o quanto haviam avançado ao longo do curso.

Esta experiência, como monitor, aprimorou as habilidades do primeiro autor, na condição de professor, músico e também ensinou lições valiosas sobre empatia, comunicação e adaptação no rico processo de ensino/aprendizado da execução musical.



Referências

ARAUJO FILHO, Alfeu Rodrigues de. Pedagogia do Piano e a Ciência: trajetória, conquistas e continuidade. **Revista Vórtex**, p. 1-26, 2021.

CAMPITELLI, Juliana; MENDES, Adriana. Piano em grupo para quê? Reflexões, sobre o estudo de piano em grupo para educadores musicais. IN: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25. **Anais...** Associação Brasileira de Educação Musical, p. 1-11, 2021.

COOKE, James Francis. **Great Pianists on piano playing**. New York: Dover Publications, 1999.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.